Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

FATORES DE PERSONALIDADE E DE RESILIÊNCIA COMO PREDITORES DO FUNCIONAMENTO EXECUTIVO DE ADULTOS IDOSOS

Personality and resilience factors as predictors of executive functioning in older adults

Mariane Bernardi TREVISOL
Atitus Educação
ma.dal.lagnol@hotmail.com

Camila Rosa de OLIVEIRA
Atitus Educação
oliveira.crd@gmail.com

Tainá ROSSI
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
taina.rossi@edu.pucrs.br

Marina Balem YATES
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
marina.yates1@gmail.com

Luis Henrique PALOSKI
Atitus Educação
luis.paloski@atitus.edu.br

Irani Iracema de Lima ARGIMON
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
argimoni@pucrs.br

Tatiana Quarti IRIGARAY
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
tatiana.irigaray@pucrs.br

DOI: https://doi.org/10.46636/recital.v5i3.469

Resumo

O objetivo foi investigar se características de personalidade e resiliência são preditores do funcionamento executivo de adultos idosos. Participaram 40 longevos, com idade média de 75,02 anos (DP = 9,75) e escolaridade de 8,05 anos (DP = 5,61), 60% (n = 24) mulheres, recrutados por conveniência e pela técnica bola de neve. Os instrumentos utilizados foram: questionário sociodemográfico; Inventário de Cinco Fatores NEO Revisado (NEO-FFI-R); Escala de Depressão Geriátrica, versão reduzida (GDS-15); Miniexame do Estado Mental (MEEM); Escala de Resiliência; Teste dos Cinco Dígitos (FDT); tarefas de fluência verbal e Questionário Disexecutivo (DEX). Foram utilizadas análises descritivas, correlação de Pearson e regressão linear múltipla com método enter. Obtiveram-se modelos para os escores do índice flexibilidade cognitiva do FDT para as duas tarefas de fluência verbal e DEX. Quatro dos cinco fatores de personalidade foram preditores significativos para o desempenho executivo, bem como o fator Resolução de Ações e Valores da Escala de Resiliência. É possível concluir que características personalidade podem predizer funções executivas e resiliência em adultos idosos.

Palavras-chave: Neuroticismo. Resiliência psicológica. Envelhecimento.

Abstract

The objective was to investigate whether personality characteristics and resilience are predictors of executive functioning in older adults. Participants were 40 long-lived people, with an average age of 75,02 years old (SD = 9,75) and education level of 8,05 years (SD = 5,61), 60% (n = 24) women, recruited for convenience and the technique of snowball. The instruments used were: sociodemographic questionnaire; Revised NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI-R); Geriatric Depression Scale, reduced version (GDS-15); Mini Mental State Examination (MMSE); Resilience Scale; Five Digit Test (FDT); verbal fluency tasks and Dysexecutive Questionnaire (DEX). Descriptive analyses, Pearson correlation and multiple linear regression with the enter method were used. Models were obtained for the FDT cognitive flexibility index scores for the two verbal fluency and DEX tasks. Four of the five personality factors were significant predictors of executive performance, as was the Action Resolution and Values factor of the Resilience Scale. It is possible to conclude that personality characteristics predict executive functions and resilience in older adults.

Keywords: Neuroticism. Resilience. Aging.

INTRODUÇÃO

O processo de envelhecer é subjetivo e individual e apresenta variações devido às influências dos fatores biológicos, cognitivos, emocionais e culturais, além de estilos de vida e de condições socioeconômicas. Aspectos referentes à personalidade também interferem no processo de envelhecimento (POCNET *et al*., 2021).

Dentre os processos cognitivos que apresentam alterações no envelhecimento, destacam-se as funções executivas, as quais são processos mentais complexos que incluem habilidades que permitem focar e manter a atenção, raciocinar e resolver problemas, controlar impulsos, analisar situações por diferentes perspectivas, pensar alternativas, antecipar ações e consequências, e ser flexível na ocorrência de mudanças ou de novas informações (DIAMOND, 2020).

No processo de envelhecimento, o funcionamento executivo é reduzido, tendo um declínio acelerado a partir dos 70 anos, decorrente do próprio desgaste fisiológico do corpo humano, mais especificamente dos lobos frontais. Ainda há redução da memória de trabalho, habilidades atencionais, velocidade de processamento de informações e de organização visual e espacial (HECKNER *et al*., 2021). Estudos apontam que o funcionamento executivo de idosos pode ser influenciado por uma série de outros componentes, como a resiliência e a personalidade (SUÁREZ-BAGNASCO, 2016; WILLIAMS *et al*., 2010).

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Não há consenso na literatura acerca do significado do conceito resiliência, contudo diversos autores se referem à resiliência como a capacidade de superar adversidades, adaptando-se ao seu ambiente. Essa característica explicaria o motivo pelo qual certos indivíduos em situações similares conseguem lidar com situações desafiadoras de maneira mais positiva do que outros (FONTES; NERI, 2015; MERCHANT *et al*., 2022; SOUSA; RODRIGUEZ-MIRANDA, 2015).

A resiliência tem sido relacionada com o envelhecimento saudável. Em um estudo com 59 pacientes, entre 69 e 91 anos de idade, de uma unidade de saúde ambulatorial, verificaram-se associações significativas entre resiliência e funcionalidade. Os idosos com maior resiliência demonstraram melhores capacidades preservadas (FONTES *et al*., 2015). Em idosos, características mentais, como capacidade de adaptação e pensamentos positivos, bem como facilidade com relacionamentos e capacidade física, desempenham eficiente papel para a manutenção de alta resiliência (MACLEOD *et al*., 2016). Fatores como autoestima, apoio familiar, positividade também podem trazer benefícios para o desenvolvimento da resiliência no idoso e um envelhecimento saudável (MELLO *et al*., 2016). Contudo, estudos que verificam a relação entre resiliência e funções executivas são incipientes na literatura, principalmente com idosos (NASCIMENTO; CALSA, 2016).

Ao investigar a resiliência e o desempenho cognitivo geral de idosos entre 60 e 90 anos, um estudo encontrou um melhor desempenho no Miniexame do Estado Mental em idosos que possuíam melhores índices de resiliência, ou seja, quanto maiores eram os níveis de resiliência maiores eram as habilidades de orientação têmporo-espacial, memória, atenção e linguagem nessa população (FORTES *et al*., 2009). Em relação à resiliência e às funções executivas, uma pesquisa avaliou 180 indivíduos (homens e mulheres) com idades entre 30 e 60 anos. Identificou-se que, quanto mais idade os idosos tinham mais sintomas de disfunção executiva apresentavam, como dificuldades na tomada de decisões e esquecimento da localização de objetos. Por outro lado, foram encontrados maiores escores de resiliência nessa população (SUÁREZ-BAGNASCO, 2016).

Características de personalidade também parecem contribuir para o funcionamento executivo, além da resiliência (FARINA *et al*., 2023). A personalidade refere-se a uma totalidade

dinâmica e complexa, estruturada por valores, autoconceitos, habilidades, dentre outros padrões (ROBERTS; YOON, 2022).

A teoria dos Cinco Grandes Fatores de personalidade envolve cinco domínios essenciais relacionados à personalidade, sendo eles o neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade (WILLIAMS *et al*., 2010). Williams *et al.* (2010), por exemplo, analisaram a relação entre as funções executivas e os cinco grandes fatores de personalidade em 58 idosos. Dentre os resultados, verificaram que os fatores neuroticismo, abertura a experiências e amabilidade demonstraram estar associados significativamente com as funções executivas. Especificamente, o neuroticismo associou-se com dificuldade na tomada de decisões e resolução de conflitos. Dessa forma, o objetivo principal deste estudo foi investigar se características de personalidade e de resiliência são preditores do funcionamento executivos de idosos.

2 METODOLOGIA / MATERIAIS E MÉTODOS

2.1 Delineamento

Trata-se de um estudo transversal e correlacional.

2.2 Participantes

A pesquisa foi realizada com 40 idosos com idade entre 60 e 104 anos (M = 75,02; DP = 9,75) e escolaridade entre 1 e 23 anos (M = 8,05; DP = 5,61), sendo 60% (n = 24) mulheres, recrutados por conveniência e pela técnica bola de neve. Os critérios de inclusão foram ter idade igual ou superior a 60 anos, não ser institucionalizado e ter, no mínimo, um ano de ensino formal. Já os critérios de exclusão foram não completar a bateria de instrumentos, apresentar alterações sensoriais primárias não corrigidas no momento da avaliação (como não uso de óculos ou aparelhos auditivos), obter pontuação ≥ 6 na Escala de Depressão Geriátrica, versão reduzida (GDS-15), e obter escores sugestivos de declínio cognitivo no Miniexame do Estado Mental (MEEM). Optou-se pelos pontos de corte sugeridos para a região Sul do Brasil de acordo com Kochhann et al. (2010): < 22 para 1-5 anos de estudo, < 23 para 6-11; e < 24 para 12 ou mais.

2.3 Instrumentos

Ficha de dados sociodemográficos. Investigava sobre dados sociodemográficos, como idade, sexo, escolaridade, entre outros.

Escala de Depressão Geriátrica, versão reduzida – GDS-15 (adaptada por ALMEIDA; ALMEIDA, 1999). Composta por 15 questões dicotômicas (“sim” e “não”) que verificam a ocorrência de sintomas depressivos. Cada questão pode receber pontuação de 0 ou 1, sendo que o escore final pode variar de 0 a 15 pontos. Conforme Nogueira *et al.* (2014), em amostras de ambulatórios psiquiátricos e ambulatórios gerais, o ponto de corte para identificar ocorrência de sintomas depressivos significativos na população de idosos é de 5/6. Sua avaliação obteve alfa de Cronbach de 0,81 de confiabilidade para o Brasil.

Miniexame do Estado Mental – MEEM (adaptado por CHAVEZ; IZQUIERDO, 1992). Utilizado como medida de rastreio para avaliação cognitiva geral e apresenta tarefas que contemplam a capacidade de orientação (espacial e temporal), atenção e cálculo, memória e linguagem. Os seus escores podem variar de 0 a 30 pontos, não havendo consenso quanto aos pontos de corte para declínio cognitivo, sendo a escolaridade um alvo especial de análise para determinação dos pontos de cortes (MELO; BARBOSA, 2015).

Escala de Resiliência – ER (adaptado por PESCE *et al*., 2005). Composta por 25 itens que são respondidos, utilizando-se uma escala estilo Likert (1 a 7, variando entre discordo totalmente e concordo totalmente). Os escores finais podem variar entre 25 a 175 pontos, sendo que os valores mais elevados indicam alta resiliência. O alpha de cronbach validado para o Brasil foi de 0,85 (PESCE *et al*., 2005).

Teste dos Cinco Dígitos – FDT (adaptado por SEDÓ *et al*., 2015). O FDT é empregado para análises do efeito de interferência atencional, utiliza a rotina de leitura e a contagem de números, baseado em conhecimento linguístico: leitura dos dígitos de 1 a 5, contagem de quantidade de 1 a 5, capacidade de ignorar um processamento automático e um controlado e estímulos incongruentes. Possui quatro etapas: leitura, contagem (medidas de atenção), escolha e alternância (medidas de atenção controlada e executiva). O FDT apresentou evidências de validade com medidas externas, tais como o Teste de Alternância de Letras e com o Trail Making Test (SEDÓ *et al*., 2015).

Tarefas de fluência verbal (TFV) FAS e Animais (STRAUSS *et al*., 2006). A fluência semântica consiste em propor ao examinado que, em um período de 1 minuto, relate o maior número de nomes de animais que lembrar. Na tarefa de fluência fonêmica, o examinando deve relatar o maior número de palavras que comecem com as letras F, A e S em um período de um minuto para cada letra. As duas tarefas já apresentam evidências de validade com idosos de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade (ESTEVES *et al*., 2015).

Questionário Disexecutivo – DEX (adaptado por MACUGLIA *et al*., 2016). São dois questionários a serem respondidos pelo paciente e outro por familiar e são denominados de Dysexecutive Questionnaire (DEX). Para validar o conteúdo Macuglia, *et al.* (2016) mencionam que deve ser utilizado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC) e o Coeficiente Kappa, sendo que este último apresentou para o Brasil o índice de 0,75. O DEX já apresentou evidências de validade em uma amostra de adultos idosos no Brasil (OLIVEIRA *et al*., 2021.

Inventário de Cinco Fatores NEO Revisado – NEO-FFI-R (adaptado por COSTA JR.; MCCRAE, 2007). Composto por 60 itens que analisam os cinco grandes fatores de personalidade (neuroticismo, extroversão, abertura a experiências, amabilidade e conscienciosidade) por meio de uma escala do tipo Likert de cinco pontos (“discordo totalmente” a “concordo totalmente”). O teste é validado para o Brasil, obtendo alfa de Cronbach para todos os índices, com valor mínimo de 0,80 de confiabilidade.

2.4 Procedimentos de coleta de dados

A realização desta pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética, respeitando-se as diretrizes que orientam os estudos com seres humanos. Primeiramente, os idosos foram orientados sobre a pesquisa e os que concordaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após, responderam todos os instrumentos de forma individual, em um único encontro de aproximadamente 90 minutos, em uma sala livre de estímulos. A ordem de administração dos instrumentos foi intercalada, respeitando-se a ordem: ficha de dados sociodemográficos, MEEM, ER, FDT, DEX, TFV FAS, NEO-FFI-R, TFV Animais e GDS-15. A escolha por intercalar entre questionário-teste foi feita a fim de evitar efeito de cansaço, assegurando-se também pequenos intervalos de descanso entre a administração dos instrumentos.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 3, set/dez 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

2.5 Análise de dados

O pacote estatístico utilizado foi o SPSS versão 23 para Windows. A análise de dados foi descritiva (média, desvio-padrão e percentuais) e inferencial. A distribuição dos dados foi verificada pelo teste de Kolmogorov-Smirnov. As associações entre os escores da Escala de Resiliência (resolução de ações e valores, ideias de independência e determinação, autoconfiança e capacidade de adaptação a situações, e total), do NEO-FFI-R (neuroticismo, extroversão, amabilidade, conscienciosidade e abertura) e dos instrumentos de funções executivas (índices inibição e flexibilidade cognitiva do FDT, número de palavras evocadas nas tarefas de fluência verbal FAS e Animais, e DEX) foram analisadas por meio de correlação de Pearson. A intensidade das associações foi interpretada como pequena para valores ≤ 0,300, moderada entre 0,400 e 0,600, e forte se > 0,600 (DANCEY; REIDY, 2019). Os escores que apresentaram associações significativas e de intensidade moderada foram incluídos em um modelo de regressão linear múltipla com método enter. Resultados foram considerados significativos se $p < 0,05$.

3 RESULTADOS

Na distribuição dos participantes quanto ao estado civil, 48% (n = 19) eram casados (as), 35% (n = 14) viúvos(as), 10% (n = 4) solteiros e 7% (n = 3) separados(as). Já quanto ao nível socioeconômico, 20% pertenciam à classe A (n = 8), 45% à classe B (n = 18) e 35% à classe C (n = 14). Na percepção subjetiva de saúde, 60% (n = 24) dos participantes consideraram a sua saúde geral como boa, 23% (n = 9) como regular e 17% como ótima (n = 7). O tempo de aposentadoria variou de 2 a 40 anos (M = 17,31; DP = 10,22). Os dados referentes aos sintomas depressivos, desempenho cognitivo, características de personalidade e resiliência dos participantes encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1 - Sintomas Depressivos, Desempenho Cognitivo, Fatores de Personalidade e Resiliência dos Adultos Idosos

	M	*DP*	Mín.	Máx.
GDS-15	1,95	1,18	0	4
MEEM	26,98	2,55	22	30
FDT				
Inibição	27,33	22,71	-1.00	144.00
Flexibilidade cognitiva	55,31	30,11	12.00	175.00
TFV				
FAS	27,20	11,62	8	51
Animais	13,23	4,47	6	24
DEX	16,08	7,63	3	34
NEO-FFI-R				
Neuroticismo	20,18	6,76	6	35
Extroversão	31,05	4,89	18	40
Abertura	27,58	4,17	20	34
Amabilidade	32,23	4,03	21	39
Conscienciosidade	41,13	4,59	28	47

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 3, set/dez 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Escala de Resiliência				
Resolução de ações e valores	87,60	4,53	78	96
Ideias de independência e determinação	32,00	3,49	24	40
Autoconfiança e capacidade de adaptação a situações	31,50	2,52	25	35
Total	151,10	7,71	137	167

Fonte: Autoria própria. GDS-15 = Escala de Depressão Geriátrica, versão reduzida; MEEM = Miniexame do Estado Mental; FDT = Teste dos Cinco Dígitos; TFV = Tarefa de fluência verbal; DEX = Questionário Disexecutivo; NEO-FFI-R = Inventário de Cinco Fatores NEO Revisado.

Na Tabela 2, encontram-se os resultados da correlação de Pearson entre as funções executivas, características de personalidade e de resiliência. O índice de flexibilidade do FDT associou-se positivamente com os fatores do NEO-FFI-R extroversão e amabilidade e com o fator Resolução de Ações e Valores da Escala de Resiliência. O índice de inibição do FDT não se relacionou significativamente com nenhuma das variáveis investigadas. Nas tarefas de fluência verbal, os escores do FAS associaram-se de forma negativa com o fator extroversão do NEO-FFI-R, e os escores do Animais apresentaram associação negativa com o fator neuroticismo do NEO-FFI-R. O escore do DEX associou-se negativamente com os fatores amabilidade e conscienciosidade, e positivamente com o fator neuroticismo do NEO-FFI-R.

Tabela 2 – Associações entre Funções Executivas, Características de Personalidade e de Resiliência

	FDT		TFV		DEX
	Inibição	Flexibilidade cognitiva	FAS	Animais	
NEO-FFI-R					
Neuroticismo	-0,245	-0,281	0,232	-0,390*	0,424**
Extroversão	0,221	0,369*	-0,351*	-0,267	-0,032
Abertura	0,156	0,003	0,106	-0,110	-0,065
Amabilidade	0,251	0,388*	-0,246	-0,279	-0,463**
Conscienciosidade	0,179	0,207	-0,088	-0,229	-0,351*
Escala de Resiliência					
Resolução de ações e valores	0,120	0,333*	-0,274	-0,113	-0,149
Ideias de independência e determinação	-0,068	0,023	0,049	0,071	-0,133
Autoconfiança e capacidade de adaptação a situações	-0,055	-0,108	0,299	0,069	0,023
Total	0,022	0,171	-0,041	-0,012	-0,140

Fonte: Autoria própria. A verificação da associação entre as variáveis foi realizada por meio de correlação de Pearson. FDT = Teste dos Cinco Dígitos; TFV = Tarefa de fluência verbal; DEX = Questionário Disexecutivo; NEO-FFI-R = Inventário de Cinco Fatores NEO Revisado. * $p < 0,05$. ** $p \leq 0,01$. *** $p \leq 0,001$.

A partir dos resultados da correlação de Pearson, as associações significativas foram incluídas em modelos de regressão linear múltipla (método enter) para cada um dos escores dos instrumentos de funções executivas utilizados (Tabela 3). O modelo obtido para o índice flexibilidade cognitiva (FDT) foi considerado moderado (R = 0,530) e incluiu como preditores os fatores amabilidade (NEO-FFI-R), extroversão (NEO-FFI-R) e resolução de ações e valores (Escala de Resiliência), explicando aproximadamente 22% da variância.

Em relação ao DEX, o modelo obtido foi considerado moderado (R = 0,528) e incluiu os fatores amabilidade, neuroticismo e conscienciosidade, todos do NEO-FFI-R, explicando aproximadamente 22% da variância. Os modelos obtidos para as duas tarefas de fluência verbal foram considerados moderados (R = 0,351 para FAS e R = 0,390 para Animais), incluindo apenas um preditor em cada uma delas, sendo o fator extroversão (NEO-FFI-R) para FAS e o fator neuroticismo (NEO-FFI-R) para Animais, os quais explicaram, respectivamente, 10% e 13% da variância encontrada.

Tabela 3 – Modelos de Regressão Linear Múltipla para o Desempenho Executivo de Adultos Idosos

	β	*t*	R^2	*F*	*p*
FDT – Flexibilidade cognitiva					
Constante		-2,314	0,221	4,691	0,007
Amabilidade (NEO-FFI-R)	0,260	1,722			
Extroversão (NEO-FFI-R)	0,257	1,720			
Resolução de ações e valores (Escala de Resiliência)	0,257	1,784			
TFV – FAS					
Constante		4,638	0,100	5,350	0,026
Extroversão (NEO-FFI-R)	-0,351	-2,313			
TFV – Animais					
Constante		3,813	0,130	6,830	0,013
Neuroticismo (NEO-FFI-R)	0,390	-2,613			
DEX					
Constante		2,205	0,219	4,638	0,008
Amabilidade (NEO-FFI-R)	-0,320	-1,870			
Neuroticismo (NEO-FFI-R)	0,256	1,545			
Conscienciosidade (NEO-FFI-R)	-0,063	-0,359			

Fonte: Autoria própria. FDT = Teste dos Cinco Dígitos; NEO-FFI-R = Inventário de Cinco Fatores NEO Revisado; TFV = Tarefa de fluência verbal; DEX = Questionário Disexecutivo.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 3, set/dez 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo deste estudo foi verificar se características de personalidade e resiliência são preditores do funcionamento executivo em idosos. Quatro dos cinco grandes fatores de personalidade mostraram-se como preditores de medidas de funções executivas. Especificamente, os idosos que demonstraram maior flexibilidade cognitiva (FDT) apresentaram níveis mais elevados de extroversão, de amabilidade e menor nível de neuroticismo. Na avaliação subjetiva de queixas no funcionamento executivo (DEX), resultados similares foram encontrados, sendo que quanto maior a quantidade de queixas menores foram os índices dos fatores de amabilidade e de conscienciosidade, bem como maior índice de neuroticismo. O fator abertura foi o único que não se associou com as medidas de funções executivas. Referente à resiliência, o fator Resolução de Ações e Valores (Escala de Resiliência) foi preditor para o índice flexibilidade cognitiva do FDT, sugerindo que maior realização pessoal está relacionada diretamente com maior flexibilidade cognitiva.

Associações entre funções executivas e fatores de personalidade têm sido descritas na literatura, especialmente em relação ao neuroticismo, à amabilidade e à extroversão, tanto em idosos quanto nas demais faixas etárias (OUANES *et al*., 2017; SEGEL-KARPAS; LACHMAN, 2016). Além disso, os fatores de personalidade neuroticismo e conscienciosidade são associados aos padrões do processo de envelhecimento (CASELLI *et al*., 2016), assim os idosos tendem a apresentar índices mais altos de neuroticismo e de conscienciosidade.

As funções executivas possuem um papel importante no controle de grande parte dos processos mentais, como da memória e atenção, além de estarem suscetíveis às variáveis de personalidade. Verifica-se que pessoas com altos níveis neuroticismo tendem a apresentar altos índices de sintomas depressivos, dificuldades no ajustamento emocional (RIBEIRO *et al*., 2016) e na interação social (SEGEL-KARPAS; LACHMAN, 2016). Características do neuroticismo, como tristeza, pessimismo e irritação, representam sentimentos e pensamentos negativos associados a um maior risco de desenvolvimento da depressão (KOOREVAR *et al*., 2017). Esse resultado concorda com estudos anteriores que apontam uma relação entre sintomas depressivos e alterações cognitivas em idosos (KOOREVAR *et al*., 2017; OUANES *et al*., 2017). Ainda, o neuroticismo pode estar relacionado à dificuldade de se relacionar com as pessoas, experimentando o contato social como estressante e não benéfico (SEGEL-KARPAS; LACHMAN, 2016).

Referente à correlação negativa e moderada entre neuroticismo e a tarefa de fluência verbal semântica, os resultados indicaram que maiores escores de neuroticismo influenciam negativamente na flexibilidade cognitiva e na memória semântica. Os dados encontrados são corroborados pelo estudo de Caselli e colaboradores (2016), em que o neuroticismo esteve associado ao declínio cognitivo em sua pesquisa longitudinal.

Outro resultado encontrado foi a associação positiva e moderada entre neuroticismo e as queixas disexecutivas autorrelatadas, o que leva a presumir que pessoas com elevado neuroticismo possuem maiores queixas referentes ao funcionamento executivo como planejamento e resolução de problemas. Williams *et al*. (2010) realizaram um estudo com 58 adultos idosos que responderam ao D-KEFS, uma bateria padronizada para avaliação de funções executivas, e ao NEO-PI-R.

Os resultados apontaram correlações significativas entre os fatores de personalidade Neuroticismo, Abertura e Amabilidade, e funções executivas, principalmente nas tarefas que envolviam flexibilidade cognitiva, iniciação, inibição, seleção de resposta, memória de trabalho, fluência generativa e vigilância atencional.

A extroversão e a amabilidade também obtiveram correlações positivas e moderadas com o índice de flexibilidade cognitiva do FDT. Contribuindo com esse achado, um estudo com 643 idosos realizado por Ouanes *et al*. (2017), no qual foi utilizada uma bateria de instrumentos neuropsicológicos, encontrou uma correlação negativa entre neuroticismo, extroversão e funções cognitivas, sugerindo que indivíduos mais extrovertidos podem ter maior capacidade cognitiva. Ainda, a alta extroversão pode utilizar o contato social como uma forma de estimulação cognitiva (SEGEL-KARPAS; LACHMAN, 2016). Outro estudo longitudinal, avaliando 602 idosos utilizando o NEO-FFI e o MEEM, obteve como resultado uma correlação negativa entre extroversão e capacidade cognitiva, atribuindo isso ao fato de que pessoas com essa característica buscam estímulos externos para manter sua atenção, interferindo negativamente na capacidade de processamento cognitivo (CHAPMAN *et al.*, 2012). Pessoas com características de amabilidade são classificadas como confiáveis, buscam evitar conflitos e pensam em diferentes maneiras de resolver situações-problema, o que estaria associado à maior flexibilidade cognitiva (SEGEL-KARPAS; LACHMAN, 2016).

Embora o fator abertura não tenha obtido associação com as medidas de funções executivas, esse resultado pode estar relacionado justamente à idade dos participantes desse estudo. Infere-se que, em idosos, é possível que o interesse em obter novas experiências, já possa ter sido alcançado em outras fases da vida. Assim, os comportamentos e os sentimentos apoiar-se-iam na manutenção da estabilidade emocional conquistada. O fator abertura tende a moldar-se ao longo dos anos e permanece estável na velhice, interferindo no que o idoso pensa e age de forma mais convencional (HARRIS; BRETT, 2016).

Em relação à resiliência e funções executivas, houve correlação positiva entre o fator Resolução de Ações e Valores da ER e o índice flexibilidade cognitiva do FDT, sugerindo que quanto maior o sentido de amizade, realização pessoal, satisfação e significado da vida, maior a flexibilidade mental do idoso. Esse resultado pode ser decorrente do fato de que, ao longo da vida, as pessoas experimentam inúmeras adversidades, estimulando assim sua capacidade de resiliência. As alterações no funcionamento executivo podem estar relacionadas ao aumento da idade, assim como o desenvolvimento da resiliência em adultos idosos pode ocorrer em função da idade e do estabelecimento de estratégias para lidar com os déficits executivos (SUÁREZ-BAGNASCO, 2016).

Ainda, encontrou-se correlação positiva moderada entre os escores pelo fator Autoconfiança e Capacidade de Adaptação a Situações da ER e a tarefa de fluência verbal fonêmica. Presume-se por esses resultados que o adulto idoso que se adapta melhor a situações e a mudanças cotidianas possui uma maior flexibilidade cognitiva. Ferreira *et al.* (2012), em um estudo com 65 idosos, verificaram que pessoas com relacionamentos amigáveis, representando uma rede de apoio para adaptação do idoso às diferentes circunstâncias, possuem maior capacidade de enfrentamento e adaptação, as quais estariam relacionadas à resiliência.

A análise da resiliência no envelhecimento representa um constructo necessário para identificar aspectos relevantes e positivos para o enfrentamento das dificuldades adjacentes à idade. Um estudo com 11 adultos idosos resilientes com idade acima de 79 anos desenvolvido na Holanda, indicou que as condições socioeconômicas não influenciam na resiliência dos idosos.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 3, set/dez 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Isso porque a resiliência requer principalmente recursos psicológicos e sociais do indivíduo (KOK *et al*., 2018). A resiliência conta com o auxílio de fatores protetores e mencionam entre eles o otimismo, a fé, o convívio familiar, a saúde preservada e o lazer. Dessa forma, quanto maior a capacidade de resiliência do idoso maior suas condições de enfrentar os problemas biopsicossociais que se apresentam juntamente com a velhice. Nesse viés, compreende-se que a resiliência está diretamente relacionada ao envelhecimento saudável (MELLO *et al*., 2016).

Especificamente quanto aos resultados das análises de regressão, os fatores de amabilidade e de extroversão foram preditores para a flexibilidade cognitiva, assim como o fator de extroversão foi preditor para a tarefa de fluência verbal fonêmica (FAS), a qual também apresenta o componente de flexibilidade cognitiva. Dessa forma, sugere-se que na amostra estudada características referentes a ser interessado em cooperar com as demais pessoas, ser empático, otimista e sociável contribuem para maior habilidade de buscar diferentes soluções/estratégias para um mesmo problema. Aspectos da resiliência relacionados à realização pessoal, satisfação e significado da vida também seriam preditores de maior flexibilidade cognitiva. Considerando o modelo para o DEX, além do fator amabilidade, neuroticismo e conscienciosidade também foram preditores significativos, indicando que a tendência a apresentar maior estabilidade emocional, ter elevado padrão de realização e buscar alcançar metas contribuem para maior capacidade de inibição e controle emocional. A literatura não apresenta consenso quanto ao papel de cada fator de personalidade e de resiliência para o desenvolvimento cognitivo em adultos idosos, mas os resultados apresentados corroboram outras pesquisas que verificaram a influência dessas características para a saúde mental, qualidade de vida e desempenho executivo no envelhecimento (ROSTAMI *et al*., 2022; SAEZ-SANZ *et al*., 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÃO

A partir deste estudo, pode-se concluir que quatro (extroversão, amabilidade, conscienciosidade e neuroticismo) dos cinco grandes fatores de personalidade mostraram-se como preditores das funções executivas de idosos. O fator abertura foi o único que não se associou com os as medidas de funções executivas. Quanto à resiliência, o fator Resolução de Ações e Valores foi o único preditor para o índice de flexibilidade cognitiva. Dentre as limitações deste estudo, destaca-se o tamanho reduzido da amostra. Sugere-se a realização de pesquisas futuras que incluam delineamentos longitudinais, contribuindo para a identificação da influência dos aspectos da resiliência e da personalidade no funcionamento cognitivo de idosos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O. P.; ALMEIDA, S. A. Confiabilidade da versão brasileira da Escala de Depressão em Geriatria (GDS) versão reduzida. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 57, n. 2B, p. 421-426, 1999.

CASELLI, R. J.; DUECK, A. C.; LOCKE, D. E. C.; HENSLIN, B. R. Impact of personality on cognitive aging: A prospective cohort study. **Journal of International Neuropsychological Society**, Cambridge, v. 22, n. 7, p. 765-776, 2016.

CHAPMAN, B.; DUBERSTEIN, P.; TINDLE, H. A.; SINK, K. M.; ROBBINS, J.; TANCREDI, D. J.; FRANKS, P. Personality predicts cognitive function over 7 years in older persons. **American Journal of Geriatric Psychiatry**, Washington DC, v. 20, n. 7, p. 612-621, 2012.

CHAVES, M. L.; IZQUIERDO, I. Differential diagnosis between dementia and depression: A study of efficiency increment. **Acta Neurologica Scandinavica**, Copenhagen, v. 11, p. 412-429, 1992.

COSTA JR., P. T.; MCCRAE, R. R. NEO PI-R: **Inventário de personalidade NEO revisado e inventário de cinco fatores NEO revisado NEO-FFI-R [versão curta]**. São Paulo: Vetor Editora Psico Pedagógica, 2007.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para Psicologia**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

DIAMOND, A. Executive functions. **Handbook of Clinical Neurology**, Amsterdam, v. 173, n. 3, p. 225-240, 2020.

ESTEVES, C. S.; OLIVEIRA, C. R.; MORET-TATAY, C.; NAVARRO-PARDO, E.; CARLI, G. A.; SILVA, I. G.; IRIGARAY, T. Q.; ARGIMON, I. I. L. Phonemic and semantic verbal fluency tasks: Normative data for elderly Brazilians. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 350-355, 2015.

FARINA, M.; OLIVEIRA, C. R.; CARDOSO, N. O.; PALOSKI, L. H.; OLIVEIRA, D. S.; LOPES, R. M. F.; IRIGARAY, T. Q.; ARGIMON, I. I. L. Personality factors and health aspects in older adults: A longitudinal study. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. ePTPPE13383, 2023.

FERREIRA, C. L.; SANTOS, L. M. O.; MAIA, E. M. C. Resiliência em idosos atendidos na Rede de Atenção Básica de Saúde em município do nordeste brasileiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 328-334, 2012.

FONTES, A. P.; FATTORI, A.; D´ELBOUX, M. J.; GUARIENTO, M. E. Resiliência psicológica: Fator de proteção para idosos no contexto ambulatorial. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 7-17, 2015.

FONTES, A. P.; NERI, A. L. Resiliência e velhice: Revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1475-1495, 2015.

FORTES, T. F. R.; PORTUGUEZ, M. W.; ARGIMON, I. I. L. A resiliência em idosos e sua relação com variáveis sociodemográficas e funções cognitivas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 4, p. 455-463, 2009.

HARRIS, M. A.; BRET, C. E. Personality stability from age 14 to age 77 years. **Psychology and Aging**, Arlington, v. 31, n. 8, p. 862-874, 2016.

HECKNER, M. K.; CIESLIK, E. C.; EICKHOFF, S. B.; CAMILLERI, J. A.; HOFFSTAEDTER, F.; LANGNER, R. The aging brain and executive functions revisited: implications from meta-analytic and functional-connectivity evidence. **Journal of Cognitive Neuroscience**, Cambridge, v. 33, n. 9, p. 1716-1752, 2021.

KOCHHANN, R.; VARELA, J. S.; LISBOA, C. S. M.; CHAVES, M. L. F. The Mini Mental State Examination review of cutoff points adjusted for schooling in a large Southern Brazilian sample. **Dementia & Neuropsychologia**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-41, 2010.

KOK, A. A. L.; VAN-NES, F.; DEEG, D. J. H.; WIDDERSHOVEN, G.; HUISMAN, M. "Tougt times have become good times": Resilience in older adults with a low socioeconomic position. **Gerontologist**, Washington DC, v. 58, n. 5, p. 843-852, 2018

KOOREVAAR, A. M. L.; HEGEMAN, J. M.; LAMERS, F.; DHONDT, A. D. F.; MAST, R. C.; STEK, M. L.; COMIJS, H. C. Big five personality characteristics are associated with depression subtypes and symptom dimensions of depression in older adults. **International Journal of Geriatric Psychiatry**, Chichester, v. 32, n. 12, p. e132-e140, 2017.

MACLEOD, S.; MUSICH, S.; HAWKINS, K.; ALSGAARD, K.; WICKER, E. R. The impact of resilience among older adults. **Geriatric Nursing**, New York, v. 37, n. 4, p. 266-272, 2016.

MACUGLIA, G. R.; ALMEIDA, R. M. M.; SANTOS, F. C.; GIACOMONI, C. H. Behavioural Assessment of the Dysexecutive Syndrome (BADS): Adaptação e evidências de validade. **Psico-USF**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 219-232, 2016.

MELLO, D. R. B; APRATTO Jr., P. C.; OLIVEIRA CÉSAR, T. P. Fatores de resiliência no envelhecimento verificados na visita domiciliar: Relato de uma experiência na atenção básica. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 30-44, 2016.

MELO, D. M.; BARBOSA, A. J. G. O uso do Mini-Exame do Estado Mental em pesquisas com idosos no Brasil: Uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 12, p. 3865-3876, 2015.

MERCHANT, R. A.; APRAHAMIAN, I.; WOO, J.; VELLAS, B.; MORLEY, J. E. Resilience and successful aging. **Journal of Nutrition, Health & Aging**, New York, v. 26, n. 7, p. 652-656, 2022.

NASCIMENTO, M. C.; CALSA, G. C. Resiliência e idosos: revisão da produção acadêmica brasileira, 2000-2015. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 255-272, 2016.

NOGUEIRA, E. L.; RUBIN, L. L.; GIACOBBO, S. S.; GOMES, I.; CATALDO NETO, A. Screening for depressive symptoms in older adults in the Family Health Strategy, Porto Alegre, Brazil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 368-377, 2014.

OLIVEIRA, C. R.; LIMA, M. M. B. M. P.; BARROSO, S. M.; ARGIMON, I. I. L. Psychometric properties of the Dysexecutive Questionnaire (DEX): A study with Brazilian older adults. **Psico-USF**, Campinas, v. 26, n. spe, p. 97-107, 2021.

OUANES, S.; CASTELAO, E.; VON GUNTEN, A.; VIDAL, P. M.; PREISIG, M.; POPP, J. Personality, cortisol, and cognition in non-demented elderly subjects: Results from a population-based study. **Frontiers of Aging Neuroscience**, Lausanne, v. 9, n. 63, p. 1-9, 2017.

PESCE, R. P.; ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q.; SANTOS, N. C.; MALAQUIAS, J. V.; CARVALHAES, R. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro., v. 21, n. 2, p. 436-448, 2005.

POCNET, C.; POPP, J.; JOPP, D. The power of personality in successful ageing: a comprehensive review of larger quantitative studies. **European Journal of Ageing**, Berlin, v. 18, n. 2, p. 269-285, 2021.

RIBEIRO, A.; CALADO, C. P.; OLIVEIRA, C. Personalidade e funções executivas nos estudantes do ensino superior. **Interações**, São Paulo, v. 12, n. 42, p. 125-136, 2016.

ROBERTS, B. W.; YOON, H. J. Personality psychology. **Annual Review of Psychology**, Palo Alto, v. 73, p. 489-516, 2022.

ROSTAMI, M.; AHMADBOUKANI, S.; SALEH MANIJEH, H. Big five personality traits and predicting mental health among iranian older adults. **Gerontology and Geriatric Medicine**, United States, v. 8, p. 1-10, 2022.

SAEZ-SANZ, N.; PERALTA-RAMIREZ, I.; GONZALEZ-PEREZ, R.; VAZQUEZ-JUSTO, E.; CARACUEL, A. Resilience, stress, and cortisol predict cognitive performance in older adults. **Healthcare (Basel)**, Switzerland, v. 11, n. 8, p. 1072, 2023.

SEDÓ, M.; PAULA, J. J.; MALLOY-DINIZ, L. F. **O Teste dos Cinco Dígitos**. São Paulo: Hogrefe, 2015.

SEGEL-KARPAZ, D.; LACHMAN, M. E. Social contact and cognitive functioning: The role of personality. **Journal of Gerontology. Series B**, Washington DC, v. 73, n. 6, 974-984, 2016.

SOUSA, C. S.; RODRIGUEZ-MIRANDA, F. P. Envelhecimento e educação para resiliência no idoso. **Educação & Realidade**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 33-51, 2015.

STRAUSS, E.; SHERMAN, E. M. S.; SPREEN, O. **A compendium of neuropsychological tests:** Administration, norms, and commentary. New York: Oxford University Press, 2006.

SUÁREZ-BAGNASCO, M. (2016). Resilience and executive dysfunction in healthy adults between 30 and 60 years old. **Cuadernos de Neuropsicologia**, Santiago, v. 10, n. 1, p. 17-22, 2016.

WILLIAMS, P. G.; SUCHY, Y.; KRAYBILL, M. L. Five-factor model personality traits and executive functioning among older adults. **Journal of Research in Personality**, New York, v. 44, n. 4, 485-491, 2010.

Recebido em: *07 de outubro 2023*

Aceito em: *10 de janeiro 2024*